



PIOMETRA EM CANINOS E FELINOS: PERFIL LEUCOCITÁRIO, PREVALÊNCIA NAS ESPÉCIES E SINAIS CLÍNICOS

Autor(es): SILVEIRA, Daniele da Silva; BASSI, Paula Boeira; OTERO, Leonardo Barros; SILVEIRA, Letícia Wazny; SOARES, Nidele Nogueira; MENDES, Tatiane Camacho

Apresentador: Daniele da Silva Siveira

Orientador: Tatiane Camacho Mendes

Revisor 1: Cristina Gevehr Fernandes

Revisor 2: Luiz Paiva Carapeto

Instituição: UFPel

PIOMETRA EM CANINOS E FELINOS: PERFIL LEUCOCITÁRIO, PREVALÊNCIA NAS ESPÉCIES E SINAIS CLÍNICOS

SILVEIRA, Daniele da Silva¹; BASSI, Paula Boeira¹; OTERO, Leonardo Barros¹; SILVEIRA, Letícia Wazny¹; SOARES, Nidele Nogueira¹; MENDES, Tatiane Camacho²

¹Acadêmicos de Medicina Veterinária- Faculdade de Veterinária - UFPel

²Dept ° Clínicas Veterinária, Faculdade de Veterinária – UFPel

Campus Universitário da UFPel – Caixa Postal 354 – CEP 96090-900 Pelotas-RS

danissvet@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Piometra é um processo inflamatório do útero, caracterizado pelo acúmulo de secreção purulenta no lúmen uterino que provém de uma hiperplasia endometrial cística (HEC) associada a uma infecção bacteriana. É a mais comum das uteropatias e sua importância está ligada à frequência e à gravidade. O seu estabelecimento é resultado da influência hormonal à virulência das infecções bacterianas e à capacidade individual de combater essas infecções (Weiss et al., 2004; Toniollo et al., 2000; Jones et al., 2007)

Segundo Grooters (1998) e Feldman (2004), a piometra resulta de alterações induzidas hormonalmente no útero, que permitem que ocorram infecções secundárias. Johnson (1997), afirma que uma resposta a progesterona que seja exagerada, prolongada, ou inadequada sob qualquer outro aspecto, resultará numa hiperplasia endometrial cística, com acúmulo de líquido no interior das glândulas endometriais e lúmen uterino. Não se sabe por que algumas fêmeas formam esta resposta patológica, e outras não. As concentrações séricas de progesterona não são diferentes, entre animais afetados e não afetados. Já Grooters (1998), sugere que quando há estimulação persistente, desaparecem o edema e a hemorragia do estroma, e as glândulas continuam a proliferar e ficam tortuosas e dilatadas. Os lumens glandulares e a cavidade uterina ficam visivelmente císticos.

De acordo com Ferreira & Lopes (2000), tais secreções promovem um excelente ambiente para a proliferação bacteriana, que é favorecida pela inibição da resposta leucocitária à infecção no útero, pré-estimulado pela progesterona. Já Grooters (1998), afirma que estes dois fatores, HEC e infecção bacteriana, associados são imprescindíveis para a ocorrência da piometra.

Segundo Slatter (1998), a cérvis pode estar aberta ou fechada. Se a cérvis encontrar-se aberta, há corrimento vaginal e os cornos uterinos não estarão muito dilatados. Nestes casos as paredes do útero encontram-se espessadas, com hipertrofia e fibrose do miométrio. Por outro lado, se a cérvis estiver fechada, o útero estará distendido e as paredes uterinas poderão estar delgadas. O endométrio estará atrofiado e infiltrado com linfócitos e plasmócitos. De acordo Grooters (1998) e Feldman (2007), é mais provável que resulte em septicemia, que pode causar choque, hipotermia e colapso.

A literatura descreve que nestes casos o diagnóstico pode basear-se no hemograma, no qual há um aumento considerável e característico dos leucócitos (Souza et al., 2006). Porém, segundo Feldman (2004), o leucograma dos animais com piometra é variável e pode estar dentro do fisiológico, podendo-se inclusive encontrar-se leucopenia nos animais com septicemia.

Sendo assim, objetivou-se com este trabalho estudar o perfil leucocitário de fêmeas caninas e felinas com piometra, bem como a prevalência nestas diferentes espécies e seus sinais clínicos.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Foi realizado um levantamento dos hemogramas de fêmeas caninas e felinas com diagnóstico presuntivo de piometra atendidos no Hospital Universitário Veterinário da Universidade Federal de Pelotas (HUV/UFPel), no período compreendido entre janeiro à outubro de 2006 e entre março à julho de 2007, chegando-se a um total de 49 casos de piometra.

Estes hemogramas foram primeiramente divididos quanto ao tipo de piometra segundo os sinais clínicos apresentados, sendo classificados em piometra aberta ou fechada. Em seguida, dividiu-se os exames quanto à espécie acometida e, por fim, analisou-se os hemogramas separadamente quanto ao perfil leucocitário.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando separados através da sintomatologia, 63,3% dos pacientes apresentavam corrimento vaginal, sendo estes classificados como casos de piometra aberta. Já em 20,4% dos casos este sinal clínico não foi observado, sendo estes classificados como piometra fechada, onde os animais geralmente apresentavam aumento de volume abdominal. De acordo com Grooters (1998) e Feldman (2004), os sinais de piometra, ocorrem geralmente entre 1 a 2 meses após o estro ou administração de progesterona exógena. Os sinais mais comuns são: letargia, depressão, anorexia e polidipsia. No caso de piometra de cérvis fechada esses sinais ficam mais intensos ocorrendo também vômito, diarreia e aumento de volume abdominal em função do acúmulo de secreção.

Quanto à espécie acometida, confirmando o que indica a literatura, fêmeas caninas foram responsáveis por 89,8% dos casos, enquanto as fêmeas felinas representaram apenas 10,2% dos casos. Isto explica-se pelo fato de fêmeas felinas não terem um ciclo estral regular, como acontece em caninas. As felinas ovulam

apenas quando estimuladas, portanto não sofrem aumento dos níveis de progesterona tão freqüentemente, posto que este hormônio é o maior responsável pela ocorrência desta patologia. Já as fêmeas caninas, por sua vez, sofrem aumentos dos níveis de progesterona regularmente, sofrendo maior exposição aos seus efeitos ao longo de sua vida (Mialot, 1998; Toniollo et al., 2000).

Quanto ao perfil leucocitário, 83,7% dos hemogramas evidenciaram leucocitose, enquanto em 8,1% dos casos observou-se leucopenia. Em 4,1% dos casos houve normoleucometria e em 4,1% dos casos os hemogramas não foram informados. Isto pode ser melhor evidenciado observando-se a figura 1. De acordo com Feldman (2004), é comum em casos de piometra leucocitose caracterizada por neutrofilia com desvio à esquerda.

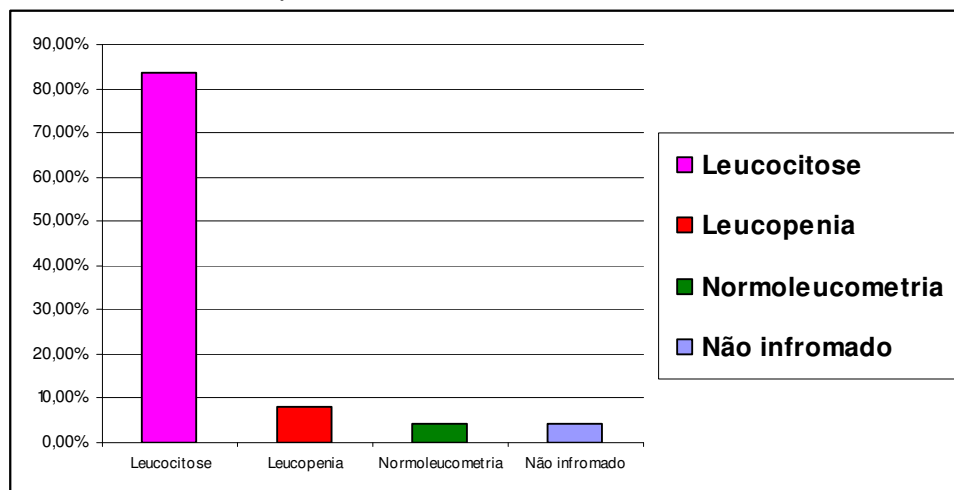


Figura 1. Perfil leucocitário de fêmeas caninas e felinas atendidas no HUV/UFPeL

4. CONCLUSÕES

De fato, a grande maioria das pacientes com piometra apresentaram leucocitose, entretanto, uma significativa porcentagem apresentou leucopenia, e ainda houveram casos em que não se observou alteração leucocitária. Assim, podemos dizer que a leucocitose, aliada aos sinais clínicos e outros exames complementares como a avaliação radiológica e ultrasonográfica, é um forte indicativo de piometra. Todavia, sua ausência não exclui a possibilidade da paciente estar manifestando esta enfermidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SLATTER, D. Manual de cirurgia de pequenos animais. 2.^a edição. São Paulo: Manole LTDA, 1998, p. 1545 – 1549.

FELDMAN, E. C. O complexo hiperplasia endometrial cística/piometra e infertilidade em cadelas In: ETTINGER, S. J.; FELDMAN, E. C. Tratado de medicina interna veterinária – Doença do Cão e do Gato 2004 5.^a Edição, vol2 p.1632-1649.

FERREIRA, R. C.; LOPES, D. M.; Complexo – hiperplasia cística endometrial / piometra em cadelas – revisão. Clínica Veterinária, nº27, p. 36 – 43, 2000.

GROOTERS, A. M.; Distúrbios do Sistema Urogenital In: BIRCHARD, S. J.; SHERDING, R. G. Manual Saunders Clínica de Pequenos Animais São Paulo: Editora ROCA, 1998, p. 1115 – 1118.

JOHNSON, C. A.; Tratado de Medicina Interna Veterinária. Moléstias do cão e do gato. In: ETTINGER, S. J.; FELDMAN, E. C. p. 2258. Editora Manole LTDA; 4ª Edição; vol 2; 1997.

JONES, T. C.; HUNT, R. D.; KING N. W.. Patologia Veterinária; 6.ª Edição; capítulo 25; p. 1186-1188.

MIALOT, J. P. Sistema Reprodutivo da Fêmea . In: MIALOT, J. P. Patologia da reprodução dos carnívoros domésticos. 1º ed. Porto Alegre. A Hora Veterinária: Editora, 1998, p.131-138.

SOUZA, J. G. M.; TILLMANN, M. T.; SILVA, P. L. S.; ANTUNES, T. A.; MENDES, T. C. Piometra em animais de companhia: um desafio patológico clínico ANAIS XV Congresso de Iniciação Científica VIII Encontro de Pós-Graduação UFPel 2006.

TONIOLLO, G. H.; FARIA, D. Jr.; LEGA, E.; BATISTA, C. M.; NUNES, N. Piômetra na espécie felina – Relato de um caso em Panthera onca Braz. J. Vet. Res. Anim. Sci. v.37 n.2 São Paulo 2000.

WEISS, R. R.; CALOMENO, M. A.; SOUSA, R. S.; BRIERSDORF, S. M.; CALOMENO, R. A.; MURADÁS, P. Avaliação Histopatológica, Hormonal e Bacteriológica da Piometra na Cadela. Archives of Veterinary Science v. 9, n. 2, p. 81-87, 2004.